

Direita aproveita fim do Cruzado, diz Belluzzo

CARLOS ALBERTO BALISTA

Está havendo uma ofensiva da direita — “da direita ideológica” — que coincide com os problemas e o fim do Plano Cruzado, mas é preciso ter claro que não se “pode ganhar no grito” quando se perdeu a eleição “fragorosamente”, afirmou ontem no Palácio dos Bandeirantes um dos principais assessores do ministro Dílson Funaro, o economista Luiz Gonzaga Belluzzo.

Belluzzo, que se reuniu com o secretário especial de Coordenação de Programas do governo estadual, Alberto Goldman, para informá-lo sobre as linhas de financiamento do FND (Fundo Nacional de Desenvolvimento), acrescentou que as pressões não vêm propriamente do PFL, mas são independentes de sigla.

Na sua opinião, existe uma reação conservadora e as pressões não diminuirão. Disse estar ligado “histórica e biograficamente” ao PMDB e acrescentou que suas relações com o genro do presidente, Jorge Murad, são “muito boas”. Esta é a entrevista de Belluzzo:

Funaro vivia sob pressão das pessoas que cobravam uma política econômica. Com a divulgação do plano elas cessam?

Nós estamos vivendo um momento muito peculiar. Estamos tentando mudar, alterar algumas coisas, como esse problema da dívida externa, mudar a política de financiamento e desenvolvimento do País, o que provocou uma reação conservadora basicamente daqueles que foram desalojados do poder, e isso é uma questão política. A pressão não vai diminuir. Trata-se de uma briga política. Nós estamos querendo que o Estado seja mais democrático e não seja apenas um feudo de determinadas pessoas e determinados grupos sociais. Isso provoca muito desgosto, muito aborrecimento e nós não esperamos que a pressão afrouxe. Esperamos sim que essa pressão seja contrabalançada por uma contrapressão daqueles que ganharam as eleições em 86 e que querem fazer as mudanças. O problema é de visão do futuro do Brasil, que não podemos hipotecar. Você não pode hipotecar o futuro de seu filho, em nome do pagamento de uma dívida que não faz sentido.

O ministro espera o apoio para o plano, mas ontem mesmo o PMDB começou a criticar o plano. Como o sr. vê isso?

Lógico, você não vai querer que dentro do PMDB, que é um partido heterogêneo e que tem de tudo, haja um apoio unânime. E depois nós não colocamos o plano para ser elogiado. Colocamos para ser criticado.

O encontro de amanhã do presidente Sarney com lideranças sindicais será mais um passo no aperfeiçoamento desse processo?

Acho que sim. Há muitos anos lideranças sindicais não são recebidas pelo presidente da República.

As pressões sobre Funaro na verdade visavam principalmente sua saída e do prof. João Manoel Cardoso de Mello. Por que isso?

Eu encaro essas coisas com muita naturalidade. Esse governo é um governo composto de setores diferentes, é apoiado por forças diferentes, e nós temos uma identificação muito clara, histórica, e até biográfica, com o PMDB, e com algumas posições e algumas propostas de governo. Como eu disse outro dia, nós não estamos lá em nosso nome, nenhum de nós está lá fazendo carreira dentro do ministério, estamos cumprindo uma determinação partidária. Na hora que o partido achar que nós não temos condições de ficar, não ficaremos. Não estamos minimamente interessados em passar a semana em Brasília trabalhando 14 horas por dia. A hora que o partido achar que estamos cumprindo mal nós saímos.

Mas as pressões vêm do próprio Palácio, do genro do presidente, Jorge Murad...

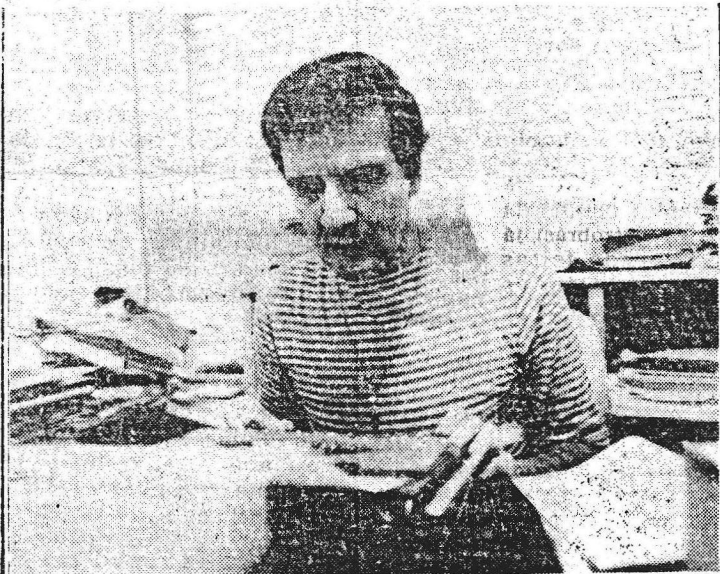
Ao contrário, nossas relações... isso que eu acho estranho no noticiário, nossas relações com Jorge Murad sempre foram muito próximas, muito boas. Acho que existem outras forças que estão tentando atingir o partido.

Onde ficam essas forças?

Vocês sabem quais são, não preciso dizer. O governo é heterogêneo, um governo complexo. Há uma ofensiva da direita, da direita ideológica mais do que qualquer outra coisa — a gente não pode ficar criando fantasmas — uma ofensiva ideológica que coincidiu com os problemas e o fim do Plano Cruzado. Agora, uma mudança desse tipo exige primeiro coesão das forças mais avançadas, em segundo lugar exige clareza a respeito do rumo que você vai seguir. É preciso ter claro: você não pode ganhar no grito, quando você perdeu a eleição. Quando você foi derrotado fragorosamente nas eleições.

Então as pressões a que o sr. se refere vêm do PFL?

Não vêm propriamente do PFL. Há setores do PFL que se identificavam com a política econômica do governo. O rearranjo, a rearrumação aí tem outra natureza, independente de sigla, da origem partidária.



Belluzzo: estamos cumprindo uma determinação partidária